

Vida negra.

Quando eu era pequena, minha mãe era empregada da família de Donana. A casa era grande e a família também. Além do casal, moravam na casa cinco filhos homens, uma menina de cinco anos de quem eu cuidava, e a sogra.

Diariamente, mal abria o sol, caminhávamos, mãe e eu, pela estrada poeirenta para trabalhar o dia todo sob o jugo das duas mulheres.

Era o dia todo de muito serviço, não sei como mãe aguentava. E também tínhamos de aguentar a ruindade da velha avó, entrevada na cadeira de rodas, que comandava tudo com o olhar de águia e palavras duras.

- Bastiana, varre direito esse chão!

Minha mãe dizia obediente: "Sinsóra!" - Mas era pra não levá no lombo", segredava-me no caminho de volta para casa. Mãe era sábia, sempre com olhar tranquilo, contornava as dificuldades diárias que enfrentava naquela casa de gente sem coração.

Donana era uma mulher aflita. Sua vida girava em torno das necessidades e obrigações da casa, do marido e filhos. E, a suportar a sogra, mulher de caráter forte e impiedoso. Na minha percepção infantil eu já conseguia entender que, naquela cadeira de rodas, estava sentada uma pessoa má.

- Bastiana, pode começar a fritar os bifés! Donana gritava aflita, com a chegada dos homens para o almoço.

- Sinsóra, patroa, respondia mãe e fritava montanhas de bifes acebolados cheirosos, que nunca provava. Comíamos no mesmo prato pois Donana fazia um só. Mãe repartia comigo a rala comida, diferente da servida na mesa da família.

Eu tinha mais sorte. A menina sempre de barriga cheia, deixava muita comida. Metade da maçã, do bolo ou do pão com manteiga. Eu, de olhos esbugalhados, comia tudo depressa, com medo que me tirassem aqueles restos.

Os patrões eram ricos. Havia muita fartura que não era oferecida para os que trabalhavam na casa.

- Nada de esbanjar com os empregados, esses negros mortos de fome, vociferava a velha bruxa, gesticulando em nossa direção.

Doía ouvir as ruindades daquela mulher. Ela era cruel. Quando eu passava perto, beliscava-me e puxava maldosamente minhas tranças e ainda me batia com uma varinha que trazia sempre à mão, pronta para me castigar.

Exigia que eu usasse o cabelo trançado. - Não quero encontrar nenhum cabelo pixaim espalhado pela casa, dizia a megera.

Eu não gostava de minhas trancinhas. Era uma dificuldade me pentear, mesmo tendo os cabelos besuntados com banha de galinha. Eu chorava toda vez de trançá-los. Mãe me consolava e eu, chorava muito mais, queria que ela tivesse pena do meu sofrimento. Ela sorria.

Mãe era obrigada a usar um pano na cabeça. Ordens da velha jararaca. Não queria ver nossa carapinha, dizia com inclemência.

A vida era dura. Além de limpar, mãe tinha que matar frango, moer o café, descascar o milho para tratar os porcos e galinhas e também cozinhar

tachadas de doces estocados no guarda-comida. Ficavam expostos em lindas compoteiras sobre toalhinhas de crochê.

Eu, com água na boca, lançava olhares compridos para os potes e mãe falava enquanto raspávamos o tacho, que eu não me importasse, que a raspinha da panela era mais gostosa que o doce! Eu sorria e concordava porque mãe era muito sábia.

Dia de matar porco tinha serviço até a noite. Além das tarefas de sempre, mãe tinha que lidar com as carnes e deixar tudo em ordem para não juntar moscas.

Eu limpava as tripas para as linguiças, enquanto a menina dormia. Via os vermes saindo das bostas enquanto as galinhas brigavam pelas lombrigas. Eu achava graça e me perdia em pensamentos, depois virava as tripas e as entregava para mãe encher de carne.

Donana perguntava se mãe queria a pacuera. - Sinsóra, si não for fazê farta, dizia mãe, morta de medo de a patroa perceber o sarcasmo da resposta.

Eu olhava para ela que, escondida, me fazia uma careta alegre. Já sabia que teríamos em casa delicioso sarapatel por vários dias.

Voltando para casa, mãe comentou rindo a perder o fôlego: “Gente branca é burra, dizia enquanto equilibrava a bacia com a pacuera coberta por um pano. Nunca provaram a comida dos pretos. Comem aquela carne sem gosto, sem gordura, sem tempero, e sem pimenta. Uns burros, repetia quase feliz, enquanto voltávamos para casa.

Eu concordava porque mãe fazia comidas que na casa dos patrões nunca se via. Lá era arroz, feijão, montanhas de bifês acebolados, ovos fritos e

salada. Tudo sempre igual todos os dias. (Mas ao pensar no cheiro dos bifés, minha boca se enchia de saliva.)

Em casa, mesmo cansada pelo dia cheio de serviço, mãe limpava a pacuera e a cabeça do porco. Pai ajudava, pitando seu cigarrinho de palha e lascando uns goles de pinga goela abaixo. Conversávamos muito e pai me ensinava coisas. Íamos dormir tarde e felizes.

- Onde já se viu trazer o pano sujo pra lavar aqui, negra imunda? - reclamou a bruxa, ao ver o pano voltar sem lavar no dia seguinte. Não adiantou mãe explicar que era muito tarde para lavar. O pano não ia secar. E ouvi a recriminação de cabeça baixa, os nomes feios vindos da boca daquela mulher sem coração. Que mãe era uma negra imunda! Eu, com as mãos apertadas, como quem fosse dar um soco naquela mulher, também engolia a humilhação e xingamentos com raiva, segurando minha língua para não retrucar as ofensas. Minha mãe era maravilhosa!

Dias depois, a megera ficou doente. Não parava de urinar e beber água e dizia estar fraca que ia morrer. A cada hora comia alguma coisa e cada vez mais fraca. Parecia um saco sem fundos.

-Tomara que morra e vá direto pros quintos dos infernos pra ferver no tacho de gordura do diabo, igual mãe faz com as carnes de porco, eu pensava.

E a velha não parava de comer por causa da fraqueza. Eu tentava entender como uma gorda daquele tamanho podia estar fraca. Se fosse mãe, magrinha, que só comia um pratinho miserável de comida, mas ela, a bruxa gorda, que se matava de comer o dia todo, aquilo eu não entendia.

Chamaram o doutor. Examinou e disse que a bruxa estava com diabetes descompensada, precisava de internação.

- O que é isso, doutor? Não conheço essa doença. Diabetes já ouvi, mas essa outra não, disse Donana.

O médico gargalhou, jogando a cabeça para trás e, muito vermelho pelo esforço, explicou que descompensada não era doença. Ficou ainda com um sorriso no rosto balançando a cabeça, pensando no que tinha ouvido. Explicou com detalhes para Donana, que seguiu com a mesma cara tonta de quem não tinha entendido nada.

Mãe tinha preparado a mesa do café, especial para visitas. O doutor bebeu água e não quis café. Muito calor, explicou, não fazia bem.

Nenhum sequilho, doutor? Está muito gostoso! O doce de figos está delicioso e o queijo combina bem com ele. Se quiser, também tem de abóbora, rematou Donana com forçada voz gentil. Não, obrigada. Não comia fora de hora, o contrário da bruxa doente.

Donana desenxabida foi arrumar a mala da sogra. Ia aproveitar a condução do doutor para levá-la ao hospital. Os homens voltariam tarde.

Naquela noite, mãe estava alegre enquanto voltávamos para casa. Tínhamos ficado mais tempo para dar a janta aos homens e deixar a louça limpa. Estava muito cansada, mas feliz. “- A burrice da Donana saiu pela boca”, comentou . Viu como o doutor riu dela, disse rindo com a lembrança.”

Eu não sabia que burrice saia pela boca, mas ri também. Se mãe falava, estava certo. Mãe era muito sabida. Mais que todo mundo, mais que Donana. Igual ao doutor!

Então, tomei coragem e contei sobre meu desejo da bruxa da cadeira morrer, delatando o apelido que só eu conhecia. Mãe ralhou e depois riu. “ É

mesmo, fia, como nossa vida seria melhor”, disse-me com a voz carregada de tristeza. Eu suspirei de dor.

Trabalhar tinha mesmo que trabalhar. Gente preta sofria preconceito de todos.

Morávamos em um bairro pobre, em casinha de tábuas com quintalzinho gostoso, onde eu brincava aos domingos à tarde quando acabava o serviço na casa de Donana e podíamos voltar para casa. Eram nossas únicas horas de descanso

Pai era poceiro, o melhor da cidade. “Guardei um dinheirinho pro tempo das chuvas, pra famia num passá necessidade”, dizia coçando a carapinha que começava a branquear.

Eu amava muito o pai. Ele era tão carinhoso comigo! Pegava-me no colo e ensinava-me tudo. Nome das suas ferramentas, o que era olho d’água, se a terra era boa pra trabalhar ou cheia de pedras e sacrifícios. Ensinava-me sobre sua luta, sua vida simples.

Mãe ouvia calada, balançando a cabeça com um leve sorriso. Era seu jeito de amar. Eu sentia que aqueles momentos eram somente nossos, que éramos pessoas felizes.

Em casa, mãe não usava pano na cabeça. Dizia que eram algemas da casa de Donana. Somente lá tinha que usar. Pai me explicou o que eram algemas e eu continuei sem entender. Não fiz conta. Confiava nos dois. Eles sabiam tudo. Tudo de melhor que eu tinha no mundo, eram os dois, os meus pais.

A menina que eu cuidava, casa era muito chorona. Com aquela idade não ficava sozinha, tinha medo de tudo. Eu era pouco maior que ela, mas tinha que carregá-la no colo. Ela me cansava.

Tinha a cabeça cheia de feridas e estava sempre fedendo. Um dia a cabeça estava branca de pomada Minâncora, no outro, amarela de ovo. É para fortalecer os cabelos dizia a velha sem graça, quando chegavam visitas. Com aquela idade, a menina era quase careca.

Donana costurava os vestidos da filha. Bordava e colocava rendas. Queria a filha linda e bem-vestida, dizia a todos. “É pra compensar a cabeça fedorenta da menina manhosa, pensava eu imediatamente, e ria-me por dentro!”

Eu abanava os mosquitos em volta daquela cabeça enquanto ela chorava. A bruxa da cadeira consolava a neta com mentiras. “É pra você ficar a moça mais bonita do mundo quando crescer”, dizia com voz de falsete. Você vai virar uma princesinha! E bajulava a neta feiosa fedida a ovo.

Mãe procurava-me com o rabo dos olhos e eu disfarçava o riso, olhando para o outro lado, mãos nas costas e pensando nas palavras da velha. Algum dia aquela menina ia ficar bonita? A gema de ovo ia consertar aquela cabeça perebenta e careca? Eu duvidava. E por dentro, soltava gargalhadas e, depois me arrependia.

Naquela casa ficamos até eu fazer quatorze anos. Mocinha de peitos duros querendo furar a blusa, um dos rapazes buliu comigo.

Tardezinha levou-me longe, para o meio do milharal, dizendo que tinha que ajudá-lo a procurar um ninho de galinha-d’angola. Tonta, fui com o jacá seguindo o bruto.

Então, longe da vista de todos, jogou-me no chão, joelho no meu peito, deixou-me sem ar, fez de mim o que queria. Ninguém ouviu, ninguém viu. No chão, amedrontada fiquei, chamando por pai para me proteger. Que mãe aparecesse para me salvar.

Somente à noitinha, na volta pra casa, contei pra mãe o motivo das minhas lágrimas, do porquê estar mancando e gemendo. Em casa mostrei o estrago. Chorei minha angústia, meu medo, o pavor daquele bruto em cima de mim, magoando-me até o tutano dos meus ossos.

Pai quis sair com a enxada de trabalho na mão. Queria matar o desgraçado. Gritava como louco. Chorava e gritava.

Mãe passou a mão na cabeça do pai, com lágrimas sulcando a pele. Lembrou que podiam mata-lo, lembrou que ficaria viúva e a filha sem pai. Lembrou-o da minha dor, da nossa vida pobre, do preconceito dos brancos, da prepotência de todos. Passamos a noite em claro, velando a nossa tristeza.

De madrugada, pai ainda queria ir atrás do bruto. A dor não tinha passado. Aquele canalha tinha rompido uma paz que tínhamos, uma paz que eles, daquela casa de gente ruim, não conheciam.

Mãe, com toda simples sabedoria disse ao pai:

- “Num dianta, Raimundo. Nós vai perdê. Eles sempre ganha da gente. São capaiz de dizê que foi nossa fia que estragô o moço”.